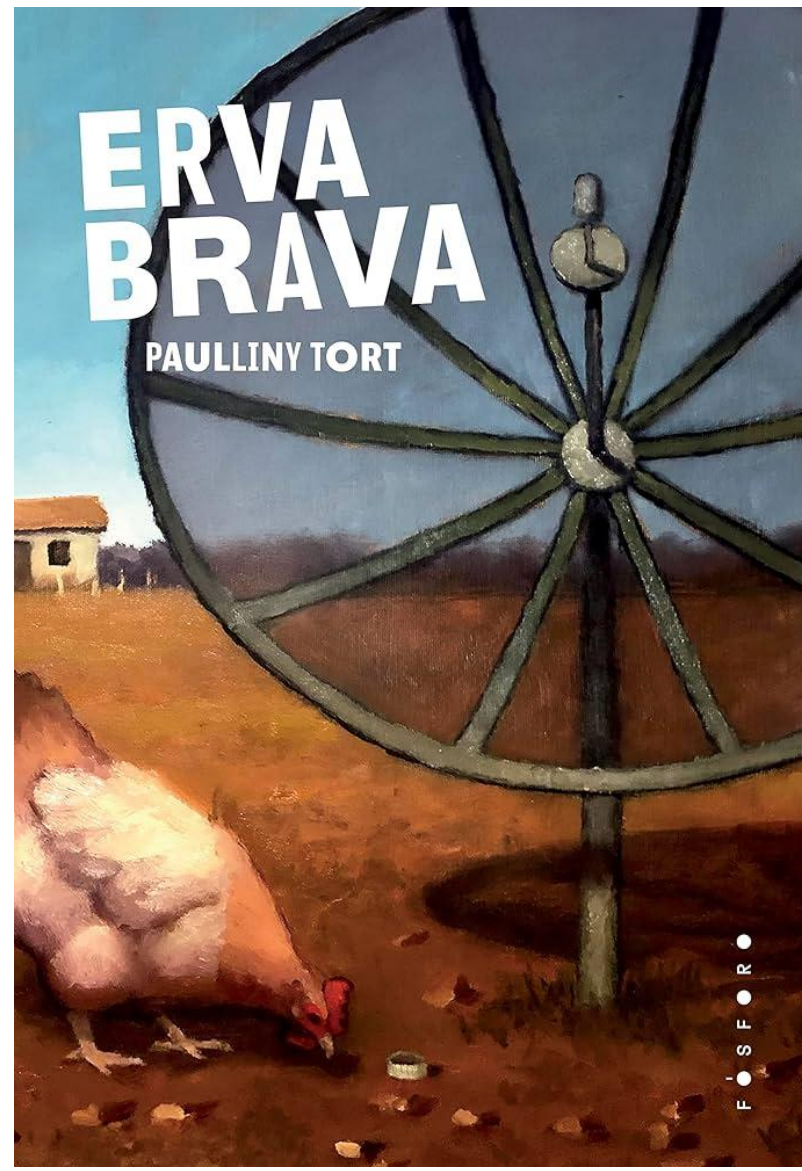




# Paisagens do cerrado em ruínas: *solastalgia* em *Erva brava*

Priscila Almeida Calado  
Orientadora: Virgínia Maria Vasconcelos Leal



## 1. PAISAGENS DO CERRADO EM RUÍNAS EM *ERVA BRAVA*

O cerrado em ruínas está presente na coletânea *Erva brava* pela ideia de fim de mundo construída de maneira sutil e sensorial, explorando despedidas e transformações que atingem tanto as personagens quanto os espaços em que habitam na vila fictícia Buriti Pequeno. Nesse mundo que se desfaz aos poucos, com degradação ambiental, decadência pelo desaparecimento de tradições e memórias dos habitantes, suas personagens se relacionam intimamente com o imaginário do fim, composto por perda de paisagens e uma profunda sensação de que algo irreversível aconteceu. Nesse sentido, o imaginário de fim aparece em alguns contos a partir da *solastalgia*, um sentimento de tristeza e desorientação causado pela transformação do ambiente vivido e que evidencia a perda de ecossistemas em nome de um progresso.

## 2. *SOLASTALGIA* EM “COMO NASCEM OS SINOS”, DA COLETÂNEA *ERVA BRAVA*

O conceito de *solastalgia*, cunhado por Glenn Albrecht (2005), descreve o sofrimento psicológico causado pela degradação ou transformação de um ambiente vivido. Na ecocrítica, a *solastalgia* designa o sentimento de angústia, aflição e desconforto psicológico provocado por transformações no espaço, principalmente quando essas mudanças impactam o lar e a identidade pessoal, como acontece em vários contos da coletânea de Paulliny Tort, em que o desaparecimento de uma paisagem, de uma cultura ou mesmo de uma forma de existir é narrado com melancolia e precisão, tornando o fim não apenas uma questão material, mas também emocional e psicológica.

No conto “Como nascem os sinos”, Tonico precisa lidar com a aproximação de sua morte e o quase fim de um ritual tradicional de tocar os sinos da igreja: “Mas Tonico não sobe mais à torre, não toca mais os sinos e tanto faz, nem mesmo o padre parece se importar. Meteram uns alto-falantes na porta da igreja e isso bastou” (Tort, 2021, p. 24-25).

Ao subir à torre para ensinar ao sobrinho-neto “como nascem os sinos”, em uma tentativa de preservar a tradição de sineiro, em um discurso indireto livre, no qual a voz do narrador se confunde às memórias e aos sentimentos da personagem, Tonico olha para a cidade do alto e é invadido pela *solastalgia* ao perceber as mudanças na configuração da cidade pela urbanização, a intrusão de maquinários agrícolas e tratores com o avanço do agronegócio; o rio contaminado que corre junto ao muro da loja de maquinários agrícolas, que não se pode mais nadar; e o afastamento do canto dos pássaros, que não se ouve mais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O rio representa para Tonico transformação e perda, pois ele ainda corre pela cidade, mas foi sufocado pelo crescimento urbano e diminuído pela cidade, que avançou “como um tumor”. Essa metáfora não sugere um “desenvolvimento sustentável” da cidade, mas uma força destrutiva. O rio, que ocupou um papel central na vida dos moradores da cidade tornou-se, com o tempo, cada vez mais marginalizado, reduzido por um progresso que não o considerou parte de um futuro. Ou seja, a ideia de desenvolvimento vem com essa ideia de sustentabilidade que nunca se concretiza, pois não se leva em consideração a perda de ecossistemas, conforme esclarece Stengers (2015).

Nesse sentido, o fim do rio Amanaçu também é responsável pelo fim de um ciclo e de um vínculo, assim como o ofício de sineiro, quando também chega ao fim o discurso indireto livre de Tonico e ele conclui que: “Mas agora acabou, o que sobrou foi essa água podre, esse esgoto” (Tort, 2021, p. 26). De acordo com esta sentença, o rio não existe mais, há uma ruptura brutal, a certeza da impossibilidade de resgate de uma experiência, de um espaço, sobrando apenas a degradação e a contaminação derivada da urbanização, da industrialização e do abandono ambiental.

“Éramos uns bestas, mas pelo menos nadávamos nesse rio. Minha nossa, como nadávamos nesse rio! [...] Mas agora acabou, o que sobrou foi essa água podre, esse esgoto. Tonico fecha os olhos, comprime os lábios murchos, treme voluntariamente as mãos. Essa cidade ainda vai desaparecer, ele diz por entre os dentes” (Tort, 2021, p. 26).

“Os mesmos pés de tamarindo e as mesmas mangueiras despontam dos quintais antigos, fazendo parecer que nada mudou, que está tudo igual, mas muitas ruas agora se estendem até bairros novos, mais apertados, onde se enfileiram algumas dezenas de casas pobres e idênticas. No terreno onde antes ficava a escola, a escola em que estudou, ergueram uma loja de maquinário agrícola, com um pátio para os tratores. O pequizeiro que havia ali não existe mais” (Tort, 2021, p. 25).

## REFERÊNCIAS

ALBRECHT, Glenn. 'Solastalgia': a new concept in health and identity. *PAN: philosophy activism nature*. 2005; 3, 44-59.

STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes - resistir à barbárie que se aproxima*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

TORT, Paulliny. *Erva brava*. São Paulo: Fósforo, 2021.